

CULTURA CORPORAL E CULTURA ESPORTIVA¹

Mauro BETTI*

RESUMO

Este trabalho objetiva situar a cultura corporal, e dentro dela a cultura esportiva, no contexto da sociedade contemporânea. Realiza um rápido histórico das origens e difusão do esporte moderno e exemplifica com a introdução e desenvolvimento do futebol no Brasil. Conclui que o esporte espetáculo é a forma hegemônica da cultura corporal contemporânea e que a Educação Física não pode restringir-se a uma só dimensão da cultura esportiva, para que cumpra seu papel pedagógico-social.

UNITERMOS: Cultura; Esporte; Educação física.

INTRODUÇÃO

Usaremos o termo "cultura", como um conceito abrangente que inclui todos os bens materiais e não-materiais que o homem, historicamente, produziu nas suas relações com a natureza e com outros homens². A cultura corporal, na qual inclui-se a cultura esportiva, é parte da totalidade da cultura humana; a cultura corporal é definida pela cultura geral e ao mesmo tempo um elemento que a define, numa relação dialética (Krawczyk, 1980). Mas a cultura corporal pode também ser vista autonomamente, como uma sub-cultura, um segmento definido da realidade cultural — o domínio dos valores e padrões das atividades físicas, dentre as quais destacamos as atividades institucionalizadas, como o esporte, a dança, o jogo e a ginástica. Dentro da cultura corporal contemporânea, a cultura esportiva é hegemônica. Faremos uma ligeira incursão histórica para compreendermos as origens do esporte moderno e também uma rápida caracterização de sua atual forma na nossa sociedade.

ORIGENS DO ESPORTE MODERNO

O esporte que conhecemos hoje é um produto das profundas transformações produzidas pela Revolução Industrial na Europa dos séculos XVIII e XIX, com origens especialmente inglesas. Os esportes de campo (caça, por exemplo) sempre foram uma forma de lazer para a aristocracia inglesa. Até o século XVIII, o esporte era uma prática tipicamente aristocrática na Inglaterra, tendo este panorama se modificado substancialmente no decorrer do século seguinte, com a proliferação do esporte em outras

* Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista.

camadas sociais e sua institucionalização em órgãos diretivos. A burguesia emergente tomou emprestado às classes populares algumas formas desportivas rudimentares (o futebol, por exemplo) e da aristocracia, além disso, padrões de comportamento: a "conduta não-cortês" era terminantemente rejeitada, as convenções e a etiqueta, nos campos de jogos, eram observados ainda mais rigorosamente do que as regras do jogo (McIntosh, 1975) aí está a origem do "fair play".

Houve relação entre o aumento do tempo de lazer, em parte induzido pela Revolução Industrial, e a difusão do esporte entre a população operária e urbana. O esporte tornou-se acessível às classes trabalhadoras inglesas em decorrência de conquistas trabalhistas, como a redução da jornada de trabalho, por volta de 1870. Foi então que se deu a grande proliferação de clubes desportivos e organizações distritais (McIntosh, 1975). Mas este processo não se deu sem resistência da burguesia. O órgão dirigente do remo, por exemplo, determinou, em meados do século XIX, que ninguém poderia ser considerado remador amador se fosse, ou tivesse sido, por ocupação ou emprego pago, mecânico, artesão ou operário (McIntosh, 1975). As regras do amadorismo eram uma arma de classe, com as quais as camadas superiores excluíam os trabalhadores de vários tipos de esporte; a burguesia, para quem o esporte era um exercício do ócio, e não fonte de necessidade material (Guttmann, 1987), temia que os trabalhadores desvirtuassem o *ethos* aristocrático da sua prática. Em 1895, C.M. Whitney, um inglês, escrevia: "As classes trabalhadoras estão bem a seu modo; deixem-nas ir a seu modo em paz, e tenham seus exercícios da maneira que melhor adapte-se às suas inclinações... Tenhamos nós nosso próprio esporte entre os elementos mais refinados, e não permitamos que espíritos discordantes nele adentrem" (citado por Guttmann, 1987, p.15).

A Inglaterra foi também pioneira em aceitar e utilizar o esporte como um meio de educação. O exemplo da Escola de Rugby (que emprestou seu nome a esta modalidade esportiva), onde seu diretor, Thomas Arnold, suprimiu a ilegalidade de alguns jogos esportivos, generalizou-se nas demais Public-Schools (escolas inicialmente exclusivas da aristocracia, depois acessíveis às camadas médias) na segunda metade do século XIX, que tradicionalmente dedicavam parte da vida escolar à organização e supervisão de atividades pelos próprios estudantes, e o auto-governo foi altamente desenvolvido nos jogos e esportes. Este modelo educacional era condizente com a necessidade de produzir os líderes militares, políticos, etc, para a administração do vasto império colonial britânico (Rouyer, 1977; Van Dalen & Bennet, 1971).

A DIFUSÃO DO ESPORTE

A partir do final do século XIX, o movimento esportivo inglês estava pronto para ser exportado. Embaixadores, administradores coloniais, missionários, comerciantes, marinheiros e colonos encarregaram-se de difundir o esporte inglês pelo mundo. No século XX, o esporte tornou-se um fenômeno de expansão mundial, estendeu-se com uma rapidez que até agora não se observou em nenhum outro movimento social (Krawczyk et alii, 1979). Como explicar isto? O esporte, conquanto originário do lúdico, parece atingir profundamente o âmago da natureza humana. Aliado aos interesses político-econômicos e ideologias diversas, esses predicados intrínsecos do esporte levaram à sua universalização e ascensão como instituição social autônoma no século XX. Já foi apontado que a competição entre os indivíduos pela vitória, em igualdade de condições é um princípio absolutamente congruente com a ideologia do liberalismo do século XIX (Krawczyk et alii, 1979).

Este processo de difusão do modelo esportivo ocidental para o resto do mundo, já foi visto como uma forma de imperialismo cultural (Guttmann, 1990). A adoção de um esporte popular de um povo, por outro povo, apenas parcialmente é resultado do reconhecimento das propriedades intrínsecas do esporte, mas deve-se a um complicado processo no qual as propriedades lúdicas intrínsecas misturam-se com fatores culturais extrínsecos. Por isso cabe falar no TEXTO (os movimentos corporais padronizados, as táticas, as regras, etc) e no CONTEXTO (cultural) de um esporte (Donnelly & Young,

1985).

Um exemplo interessante de como o CONTEXTO altera o TEXTO é o caso do "rugby" e do futebol americano. As regras do "rugby" britânico, como um bom esporte aristocrático, distinguiam entre uma falta intencional ou não intencional. Nos Estados Unidos, isto parecia uma "ficção legal" e as alterações das regras que se seguiram, buscando a racionalização, mudaram o jogo para o que se chama hoje futebol americano, que, ironicamente, retornou à Inglaterra para competir com o "rugby" (Guttman, 1990).

Um processo similar ocorreu na difusão do judô. Originariamente uma arte marcial, foi transformado por Jigoro Kano, no século XIX, numa atividade de caráter mais moral e estético que competitiva. Após a II Guerra, esta orientação cultural mudou radicalmente, com ênfase no seu caráter competitivo. A introdução do judô nos Jogos Olímpicos, em 1964, acelerou a sua adaptação às sociedades ocidentais, tornando-o fortemente competitivo, individualista, instrumental e cientificamente racionalizado, além de orientado para a competição internacional (Guttman, 1990). Estudo de Goodger & Goodger (1980) comparou 17 judocas britânicos, faixas-preta, das décadas de 40 e 50, com 14 judocas da era pós-1964. Enquanto oito do primeiro grupo tinham realizado estudos profundos sobre Zen Budismo, nenhum do segundo grupo os tinham feito.

Embora o historiador Peter Rummelt (citado por Guttman, 1990) tenha afirmado que a introdução dos esportes ocidentais na África pelas potências coloniais européias, e a conseqüente abolição das práticas corporais nativas, tenha sido um processo intencional de dominação (é oportuno lembrar que a Índia, ex-colônia britânica, é hoje um dos países de melhor desempenho no "cricket", esporte genuinamente inglês), uma história prévia de colonização formal não foi pré-requisito para a adoção, em muitos países, de um esporte como o futebol. A origem do primeiro clube de futebol russo é curiosa. Dois trabalhadores ingleses de uma indústria têxtil próxima a Moscou, fundaram um clube em 1887 e publicaram um anúncio no Times de Londres, convocando trabalhadores que poderiam atuar como jogadores. Quando Brasil e Hungria se enfrentaram nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 1954, na Suíça, tinham algo mais em comum além de um bom futebol. Tinham uma história em comum. Nos dois países o futebol foi introduzido por estudantes provenientes da Inglaterra. Charles Miller, filho de ingleses radicados em São Paulo, difundiu o futebol no Brasil quando retornou dos seus estudos na Inglaterra, em 1894. Charles Loewenrosen, cujos pais haviam imigrado para a Inglaterra, introduziu o futebol entre seus parentes húngaros quando foi visitá-los em 1896 (Guttman, 1990).

O futebol no Brasil demonstra bem este processo de assimilação e transformação cultural. Hoje, até achamos que o futebol foi uma invenção brasileira. Talvez seja mais apropriado falar numa reinvenção brasileira. Vamos dar um rápido passeio pela história do futebol brasileiro.

Os primeiros clubes surgiram em São Paulo, organizados pela colônia inglesa ligada às companhias de gás, ferrovias e bancos da Inglaterra instaladas no Brasil. Logo surgiram clubes de brasileiros, inicialmente das camadas altas, depois nas médias. Rapidamente o futebol apaixonou os jovens. Diz-nos Fernando de Azevedo: "A juventude parece ter tido a intuição de que este esporte era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico, e por isso recebeu-o de braços e corações abertos, como se tivesse esperado por ele desde há muito tempo" (Azevedo, 1930, p.3). Transportemo-nos a São Paulo de 1905 e lá encontraremos Monteiro Lobato escrevendo para um jornal a respeito do futebol:

Do dia para a noite surgiram mais de 250 clubes esportivos (...) e a "seleção natural" fez com que quatro clubes brasileiros há anos lutassem com dois clubes estrangeiros pela taça de ouro do campeonato (...). Tratava-se de verificar se o paulistano tinha capacidade para sair vitorioso ante a enorme oposição dos filhos de Albion. O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo (...). Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral dez vezes maior do que a eleição de um presidente de Estado. Parava nas ruas para apontar com os dedos os jogadores - aqueles renovadores do nosso

sangue. São Paulo reconhece que cada um desses jovens é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados à sétima potência (...). O último gol do Clube Paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo. Milhares de mãos, acenando chapéus, ergueram-se em delírio, milhares de gargantas gritaram um titânico hurra, um hurra gigantesco e ensurdecido que fez a terra tremer (...). Fedelhos de quatro anos já chutavam a bola, com sete já fazia ataques e com oito gazeteavam a escola para treinar no campo vizinho (...). (citado por Rosenfeld, 1974, p.65-6).

Enquanto o futebol foi praticado pelas camadas altas pôde conservar seu caráter puramente amador, condizente com sua origem aristocrática inglesa, e fez parte das competições freqüentadas pela "boa sociedade" Só lentamente o povo iniciava sua participação. Nas famosas "peladas" os meninos pobres, sobretudo negros, que não iam à escola, desenvolviam as suas habilidades no novo esporte (Rosenfeld, 1974).

A fundação do "The Bangu Athletic Club", em 1904 foi de grande importância para a democratização do futebol brasileiro. Bangú, subúrbio do Rio de Janeiro, era sede de uma fábrica de tecidos, cujos técnicos eram ingleses. Fundaram o clube, mas em virtude da distância, não conseguiam completar as equipes com os compatriotas da cidade e foram obrigados a recorrer aos operários da fábrica. Logo foram concedidos privilégios especiais aos bons jogadores, como licenças pra treinar, trabalho mais leve e promoção mais rápida. O clube acabou por tornar-se mais conhecido que a fábrica, e jovens operários passaram a ser admitidos não apenas porque trabalhavam bem, mas porque jogavam bem. Desta forma, operários e homens negros, pertencendo a clubes que tinham "status", foram admitidos nas federações de clubes socialmente reconhecidos, cujos jogadores eram quase todos estudantes de Direito e Medicina (Rosenfeld, 1974).

As crises políticas das federações nas primeiras décadas deste século explicam-se assim, por um conflito de classes (Rosenfeld, 1974). Em 1913, o Clube Paulistano rompeu com a associação existente e fundou uma nova porque queria fazer uma "seleção rigorosa" e "exigia que as equipes" devam ser integradas por "jovens delicados e finos" (Mazzoni, 1950). As ligas organizadoras, por sua vez, propuseram outras medidas: exigência de atividade amadorística pura, provada através do exercício de uma profissão ou posse de uma fortuna, e exigência de assinatura na súmula, quando a maioria dos jogadores das classes pobres eram analfabetos. Muitos clubes contrataram professores para alfabetizar seus craques e criaram para eles empregos fictícios. A popularidade crescente do futebol, que atraía um público crescente, a importância dos clubes, que concentravam interesses financeiros cada vez maiores, dependia do desempenho de suas equipes futebolísticas. Para tal foi necessário recrutar jogadores nas camadas mais baixas, onde havia jogadores talentosos, que praticavam o futebol com dedicação, e nele viam um canal de ascensão social (Rosenfeld, 1974). "Dar pontapés numa bola" - diz-nos Rosenfeld (1974) "era um ato de emancipação" (p.69). A partir do momento que existe um público disposto a pagar para assistir um jogo, abre-se o caminho ao profissionalismo. O futebol acabou por tornar-se uma espécie de trabalho e desde 1910 as recompensas em dinheiro após as partidas os "bichos" eram de uso corrente (Rosenfeld, 1974). Após intensos conflitos nas Federações, o profissionalismo foi implantado em 1933.

O ESPORTE ESPETÁCULO

Façamos agora um "salto" da década de 30 para o esporte dos nossos tempos. Sua principal característica é ser uma forma de espetáculo associado aos meios de comunicação de massa. O ideal aristocrático do esporte como comportamento autotélico, associado ao naturalismo e ao lazer perdeu-se na medida em que o esporte passou a cumprir funções políticas e econômicas cada vez mais importantes

(Krawczyk et alii, 1979). A partir do momento em que o esporte tornou-se um espetáculo cosmopolita, tornou-se também uma razão de Estado (Betti, 1984), assumindo um caráter simbólico (os atletas representam a nação). O esporte tornou-se um espetáculo modelado de forma a ser consumido pelos espectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isto o papel desempenhado pelos meios de comunicação, em especial a televisão (Hesling, 1986). O componente comercial do esporte - a ambição de lucrar através da sua promoção e operação - atingiu seu apogeu na segunda metade deste século (Midwinter, 1986). O desenvolvimento das funções políticas e econômicas do esporte é intensificado pela reportagem esportiva; somente através da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações sobre o esporte e da combinação do sucesso com a imagem do produto, é que o esporte torna-se interessante para a indústria (Weis, 1986).

Desde os tempos da antiga Roma do século V, quando mais da metade de sua população podia abrigar-se simultaneamente nos seus estádios e anfiteatros (McIntosh, 1975), uma audiência de tal magnitude só foi novamente possível com o advento da televisão. A televisão transformou a audiência do esporte em todo o mundo, e forçou-o a um papel de dependência, na medida em que o tornou menos capaz de subsistir com espectadores ao vivo, dependendo do patrocínio resultante das transmissões televisivas. O contrato de 1987 entre a liga de basquete profissional norte-americano (NBA) e redes de televisão garantiram 173 milhões de dólares para a NBA (Carlson, 1990).

Quais as conseqüências de tal parceria? Inicialmente, temos a interferência nos próprios padrões do esporte (no seu TEXTO). Exemplo recente é o do vôlei, com a introdução do "tie-break" e restrições à paralisação da partida para secar a quadra; tudo para tornar o tempo das partidas compatível com o interesse do telespectador. Há propostas para alterar as regras do futebol, dividindo as partidas em quatro tempos de 25 minutos, para permitir maior tempo de propaganda na televisão (Havelange..., 1990). Outras interferências dão-se ao nível do CONTEXTO, com modificações nos horários e locais: partidas para atender aos interesses da televisão (Carlson, 1990). São os interesses comerciais alterando os padrões e valores da cultura esportiva.

A seguir, temos a questão dos telespectadores, que tem a ilusão de estarem em contato perceptual direto com a realidade, "como se estivessem olhando através de uma janela de vidro" (Hesling, 1986, p.176). Na verdade, a televisão codifica a realidade diante da câmara e constroi uma realidade textual autônoma. A imagem que o telespectador vê reproduz apenas certas condições de percepção do original, uma reprodução que passa pela limitação dos próprios códigos televisivos. A autonomia visual do telespectador, por exemplo, é prejudicada, pois ele só pode ver o que a câmara lhe mostra. Em compensação, a televisão fornece muita informação adicional, na forma de câmara lenta, "replay" "closes", etc. Isto facilita muito a comercialização do esporte, pois permite a ênfase em tudo o que mais interessa aos investidores: ação espetacular, os corpos sensuais, os vitoriosos, o fanatismo da torcida, a violência. A transmissão televisiva propõe uma nova visão do evento esportivo: a retransmissão obsessiva do gol, a repetição das jogadas mais violentas. Isto acentua uma visão artificial do jogo, a qual se junta a utilização de uma linguagem "guerreira" (INIMIGOS SE CRUZAM EM ATIBAIA, foi a manchete de um jornal referente à decisão do Campeonato Brasileiro de 1991), amplificam o falso drama que se vive no campo (Carvalho, 1985) - a princípio, a competição esportiva é uma luta *simbólica*, e não uma luta *real*.

CULTURA CORPORAL, CULTURA ESPORTIVA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Pode-se legitimamente indagar qual a importância disto tudo para a Educação Física. Para responder a esta questão, invocaremos inicialmente o discurso, não de um historiador ou sociólogo, mas de um locutor esportivo da maior rede de televisão do país, ao referir-se à jogada de Maradona que resultou no fatídico gol de Caniggia, causando a eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 1990:

"(...) quando ele driblou o primeiro tinha que tomar uma varada e jogar ele do lado de fora do campo, aí ele não fazia mais nada disso. Eles dão no nosso!" (Bueno, 1990)³ Esboroa-se assim todo o discurso moralista dos meios de comunicação contra a violência, a fraude, o "doping", etc. Diversos autores (e.g. Carvalho, 1985; Weis, 1986) apontaram o círculo vicioso que se estabelece entre a violência e a transgressão às regras e a mídia, que atua como realimentadora e amplificadora destes comportamentos. A mídia gera uma nova hierarquia de valores e determina em grande medida a atitude do consumidor e tem grande efeito na prática do esporte em si: os fins justificam os meios - se levar ao sucesso, a violência é permitida (Weis, 1986).

Considerando que as crianças tomam contato precocemente com o esporte espetáculo através do espetáculo divulgado pelos meios de comunicação, que tipo de atitude estaria sendo formada nas novas gerações com relação ao esporte? Porcher (1977) adverte que é preciso tomar cuidado para que as crianças não confundam o gosto pelo esporte com o culto aos ídolos esportivos; trata-se de evitar "que os alunos sejam enganados por si mesmos e por um sistema mercantilista estranho à prática esportiva real" (p.10). É importante mostrar que o valor do esporte é muito mais rico e complexo. Sob outra perspectiva, se admitirmos que a finalidade da Educação Física é a de integrar as pessoas no universo da cultura corporal, de forma que possam dela usufruir para melhorar sua qualidade de vida, o que realmente interessa é a participação ativa em atividades físicas do tipo jogo, dança, esporte e ginástica, e não o consumo passivo, do tipo alimentado pela mídia. Cada vez mais, a cultura corporal transforma-se numa mercadoria vendida pelos meios de comunicação. Temos entre nós o vivo exemplo da ginástica aeróbica que, inicialmente uma atividade participativa, de movimentos simples, potencialmente motivante para um grande número de pessoas, adquiriu uma forma esportivizada e comercial. Para praticar ginástica aeróbica, e beneficiar-se de seus efeitos, é necessário um "collant" especial, uma meia especial, um tênis especial, uma fita no cabelo especial? Em suma, o esporte espetáculo tende a transformá-lo numa mercadoria de consumo passivo.

Mas ainda há motivos para sermos otimistas. Primeiro, porque há muitas possibilidades de resistir. Um outro estudo sobre o judô na Inglaterra relata a resistência dos judocas ingleses em aceitar mudanças profundas nas regras para tornar a modalidade atraente para a televisão, já que isto contraria sua tendência de ser um esporte de participação, e não de espetáculo (Goodger & Goodger, 1990). Depois, pelo mesmo motivo que a televisão reforça comportamentos que podemos considerar "negativos", também pode criar a predisposição para comportamentos "positivos" com relação à cultura corporal. Uma das teorias da comunicação de massas - a teoria das normas culturais - considera que a mídia influencia as percepções das pessoas de três maneiras: (a) normas e padrões são reforçados; (b) novas idéias e normas são criadas; e (c) normas existentes podem ser modificadas, levando a novas formas de comportamento (De Fleur, citado por McPherson et alii, 1989). Por exemplo, a divulgação, na televisão, de mulheres e idosos praticando atividades físicas, podem provocar novas atitudes nestes grupos. Precisamos aprender a operar com os meios de comunicação de massa, se quisermos sobreviver enquanto proposta educacional e grupo profissional.

É preciso ainda considerar que, ao longo da história da civilização ocidental, as camadas altas sempre buscaram, mas nunca conseguiram plenamente, o acesso exclusivo à cultura corporal, embora tenham obtido a exclusividade de certas modalidades em determinados períodos históricos (o torneio, na Idade Média, a esgrima no Renascimento, o "cricket" na Idade Moderna, o "jet-sky" no Brasil de hoje...). Mas há uma inequívoca tendência de democratização relativa na instituição esportiva, como se vê em poucas instituições sociais no mundo moderno (e é relativa porque, mesmo nos países europeus mais avançados, a prática esportiva ativa é proporcionalmente maior nas camadas médias e altas). Outro ponto importante a considerar é que a cultura esportiva, embora hegemônica na cultura corporal contemporânea, não é monolítica, podendo distinguir no seu interior o esporte de lazer. Como bem apontou Bracht (1989), o sentido interno das ações no esporte espetáculo é pautado pelo código binário da vitória-derrota, da maximização do rendimento e da racionalização. No esporte de lazer outros códigos, como por exemplo motivos ligados à saúde, ao prazer e à sociabilidade, também são relevantes e

capazes de orientar a ação. Em qualquer terreno baldio, ou numa rua pouco movimentada, ainda é possível colocar duas pedras no chão, ou amarrar uma corda entre dois postes e encher-se do prazer lúdico que um jogo de futebol ou vôlei proporciona (e na medida em que a urbanização desenfreada faz desaparecer os terrenos baldios e as ruas sem movimento, a atuação do poder público é vital para garantir a existência de espaços de lazer). Nesta perspectiva, indagou Belbenoit (1976) se devemos desprezar as virtudes potenciais do esporte "para evitar qualquer cumplicidade, ainda que objetiva, com a classe dominante?" (p.111). Por isto, entendo que o reconhecimento desta distinção na legislação, inclusive na Constituição, foi um grande avanço, que nós, profissionais da área, precisamos tornar uma prática concreta. E o chamado "esporte-educação"? Inicialmente, penso que foi um equívoco considerá-lo uma modalidade distinta das outras, como proposto em documento oficial (Brasil, Ministério da Educação, 1986). Já colocamos em outro lugar (Betti, 1991): o que pode fazer a Educação Física no campo do esporte senão trabalhar com o esporte-educação? Ou bem o esporte-educação pauta-se pelo modelo do esporte espetáculo, ou bem pelo do esporte de lazer. Fico com a segunda opção, porque o esporte-educação é um componente dos programas de Educação Física Escolar, que devem visar a integração da personalidade dos alunos no universo da cultura corporal, instrumentalizando-os para usufruir das atividades físicas como forma de lazer, inclusive preparando-os para serem consumidores críticos do esporte-espetáculo.

Isto significa que os professores de Educação Física devam estar instrumentalizados para trabalhar com atividades expressivas, rítmicas e lúdicas, e não apenas esportivas, pois a integração na cultura corporal não será plena se restringir-se a uma participação ativa ou passiva no esporte. Isto implica, portanto, numa melhoria dos cursos de formação dos profissionais da Educação Física.

ABSTRACT

BODY CULTURE AND SPORTIVE CULTURE

This paper has the objective of presenting an argument for sport being a part of body culture in contemporary society. Included in this paper a brief history of the origins and diffusion of modern sport and some examples of the introduction and development of soccer in Brazil. The conclusion was that the sport spectacle represents a hegemonic form of the contemporary body culture and that Physical Education cannot be restricted to only one dimension of the sportive culture in order to accomplish its social-pedagogical role.

UNITERMS: Culture; Sport; Physical Education.

NOTAS

1. Texto base da palestra proferida na mesa redonda "Cultura corporal e cultura esportiva" no I Congresso para a Integração da Educação, Cultura, Esportes e Lazer, realizado pela Prefeitura de São Bernardo do Campo (SP), em julho de 1991.

2. Para melhor esclarecimento do conceito de "cultura", ver Nicola Abbagnano (Dicionário de filosofia. 2.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982), que destaca um significado "neutro" de cultura, como sendo "o conjunto de modos de vida de um grupo humano determinado, sem referência aos sistemas de valores para os quais estão orientados esses modos de vida (...). De fato, para um antropólogo, um meio rústico de cozer um alimento é produto cultural não menos do que uma sonata de Beethoven" (p.213).

3. Trata-se de fala do locutor da Rede Globo, Galvão Bueno, na transmissão da partida Brasil e Argentina, na Copa do Mundo de 1990, no dia 24 de junho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, F. *A evolução dos esportes no Brasil*. São Paulo, s.ed., 1930.
- BELBENOIT, G. *O desporto na escola*. Lisboa, Estampa, 1976.
- BETTI, M. *Educação física e sociedade; a educação física na escola brasileira de 1o. e 2o. graus*. São Paulo, Movimento, 1991.
- _____. Jogos olímpicos; grandeza e distorções do esporte moderno. *Corpo e Movimento*, v.2, p.19-21, 1984.
- BRACHT, W. Esporte, estado, sociedade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.10, n.2, p.69-73, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Uma nova política para o desporto brasileiro: esporte brasileiro, questão de Estado*. Brasília, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1986. /Relatório conclusivo da Comissão de Reformulação do Desporto/
- CARLSON, M. The influence of commercial television on showsport. *Sport Science Review*, v.13, p.54-9, 1990.
- CARVALHO, A.M. *Violência no desporto*. Lisboa, Horizonte, 1985.
- DONNELLY, P.; YOUNG, K.M. Reproduction and transformation of cultural forms in sport; a contextual analysis of rugby. *International Review for the Sociology of Sport*, v.20, n.1-2, p.19-38, 1985.
- GOODGER, B.C.; GOODGER, J.M. Organization and cultural change in post-war british judo. *International Review of Sport Sociology*, v.15, n.3-4, p.21-48, 1980.
- _____. Transformed images; representations of judo on british television. *Play and Culture*, v.2, p.340-53, 1990.
- GUTTMANN, A. "Our former colonial masters"; the diffusion of sports and the question of cultural imperialism. *Stadion*, v.14, n.2, p.49-64, 1990.
- _____. Ursprunge, soziale Basis und Zukunft des Fair play. *Sportwissenschaft*, v.17, n.1, p.9-19, 1987.
- HAVELANGE insiste na idéia dos jogos de 25 minutos cada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1990. p.D-3.
- HESLING, W. The pictorial representation of sports. *International Review for the Sociology of Sport*, v.21, p.173-93, 1986.
- KRAWCZYK, Z. Sport and culture. *International Review of Sport Sociology*, v.15, n.3-4, p.7-18, 1980.
- KRAWCZYK, Z. et alii. La dialéctica del cambio en el deporte moderno. In: LUSCHEN, G.; WEIS, K. *Sociologia del deporte*. Valladolid, Miñon, 1979.
- MCINTOSH, P.C. *O Desporto na sociedade*. Lisboa, Prelo, 1975.
- MCPHERSON, B.D. et alii. *The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport*. Champaign, IL, Human Kinetics, 1989.
- MAZZONI, T. *História do futebol no Brasil*. São Paulo, s.ed., 1950.
- MIDWINTER, E. *Fair game: myth and reality in sport*. London, Allen & Unwin, 1986.
- PORCHER, L. El deporte en la escuela. *Stadium*, n.65, p.8-11, 1977.
- ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. *Argumento*, v.4, p.61-85, 1974.
- ROUYER, J. Pesquisas sobre o significado do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. In: *DESPORTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO*. Lisboa, Seara Nova, 1977.
- VAN DALEN, D.B.; BENNET, B.L. *A world history of physical education; cultural, philosophical, comparative*. New Jersey, Prentice-Hall, 1971.
- WEIS, K. How the print media affect sports and violence; the problem of sport journalism. *International Review for the Sociology of Sport*, v.21, p.239-51, 1986.

Recebido para publicação em: 06/07/93

ENDEREÇO: Mauro Betti
Av. 24-A, 1515
13506-900 Rio Claro SP - BRASIL